



CONHECIMENTO POPULAR SOBRE CRUSTÁCEOS DE IMPORTÂNCIA ECONÔMICA E NUTRICIONAL EM COMUNIDADES TRADICIONAIS LAGUNARES - COQUEIRO SECO, AL, BRASIL.

Earl Celestino de Oliveira Chagas; Simone Soares Salgado; Maurício Carnaúba da Silva Mota;

Sineide Correia Silva Montenegro

INTRODUÇÃO

O estudo dos saberes das populações locais sobre a natureza é de suma importância para a valorização do conhecimento etnoecológico das mesmas e para a administração dos recursos naturais de forma adequada. “A valorização do conhecimento e das práticas de manejo dessas populações deveria constituir uma das pilastras de um novo conservacionismo (...)” (Diegues, 2001). O conhecimento tradicional na medida em que é capaz de explicar fenômenos observáveis é tão importante quanto o conhecimento científico. Para que isso aconteça, é preciso criar um relacionamento novo - um envolvimento - entre os cientistas e os povos tradicionais com seu conhecimento em relação às questões ambientais, partindo de que os dois conhecimentos - o científico e o tradicional - são igualmente importantes.

A pesquisa foi desenvolvida prevendo o estudo da percepção, do conhecimento da natureza pelo homem e das práticas produtivas, buscando produzir um guia de campo sobre o conhecimento etnocarcinológico de *Callinectes* dos pescadores do Complexo Estuarino Lagunar Mundaú Manguaba.

MATERIAL E MÉTODOS

O município de Coqueiro Seco está localizado na região leste do Estado de Alagoas, possui área de 40,26 km² (0,14% de AL), inserida na mesoregião do Leste Alagoano e na microrregião de Maceió. Biologicamente, destaca-se por possuir vastas áreas de manguezais dentro do Complexo Estuarino Lagunar Mundaú Manguaba e se associa aos estuários de vários rios que nele desembocam. Entrevistas semi-estruturadas com perguntas imparciais foram realizadas com 5 especialistas locais. Utilizaram-se categorias locais (obtidas através de guias êmicos) para a formulação de perguntas. As entrevistas foram obtidas através do registro escrito, procurando retirar o máximo de informações durante o tempo livre de que cada pescador tinha ou estabelecia para as entrevistas.

À medida que a confiança dos pescadores ia sendo alcançada, era possível aumentar o tempo de cada entrevista, sendo possível aplicar a metodologia do consenso do informante na análise de dados, de modo a incluir na análise apenas as informações que aparecem de maneira reiterada nas entrevistas com cada pescador, pois nem todos concordam com a mesma idéia ou possuem os mesmos conhecimentos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os pescadores definem “siri é marisco e tem serrinha na casca” “nem faz tanta morada em buraco” (diferenciando do caranguejo de carapaça lisa), e possui hábito marinho, mas também um organismo freqüente no manguezal e rios - “*tudinho vem do mar, mais o grujáú faz parte da água doce e se cria no rio Mundaú... o tingão, o coceira e o azulão não gosta de água doce... Bateu com água doce se dana pro mar*” e que também é relatado durante as entrevistas que mostram o seu “lugar”, na lama do mangue ou na areia - “sempre parado e espumando”. Mas Seu “Zé da Pinga” diz que não tem siri do manguezal: “*na verdade, vou contar a ciênça... é que quando a maré ta cheia enche até a boquinha o mangue..., quando ele seca os bicho que não acompanha a maré não consegue ir pro caná... fica preso e tem que se esconder naquela laminha e no tiquinho de água que fica... esses bicho são tudo do mar...*”. Teixeira & Santos (1998) dizem que há espécies marinhas que utilizam o estuário como área de criação de acordo com a salinidade, transparência e tipo de substrato dentre elas as seguintes espécies: *Callinectes danae*, *C. ornatus*, *C. larvatus*, Um segundo grupo prefere águas mais doces, como: *C. bocourti*.

A comunidade apresenta íntimas relações com os manguezais, seja para o próprio consumo ou comércio. Boa parte das proteínas da dieta alimentar dessas populações provém dos manguezais. Tudo de forma bem artesanal. Para a captura de siris, normalmente os pescadores se utilizam de quatro estratégias: em primeiro lugar

através do uso de reducho; em segundo, o uso de tetéias com iscas diversas - Segundo “Zé da Pinga”: “eles come de tudo. Come poico, cavalo, pôni, até gente... é o bicho mais nojento que já vi. Tudo que dé ele come... mais gosta muito de tripa de galinha”, O siri é onívoro e consome tipicamente bivalves, anelídeos, peixes e quase todo o outro artigo que puderem encontrar, incluindo cadáveres; a terceira é a captura sem a utilização de nenhum apetrecho de pesca, simplesmente o pescador coloca o braço na areia e captura-o pelo casco “fica só com os oincho pra for aí... nós vai por trás e pega...”; e a quarta com tarrafa ou rede “nóis pegamo muito do azulão do mar”.

A desova, segundo os pescadores, ocorre principalmente nos meses de setembro a outubro e janeiro a maio. As ovas mais escuras são velhas, porém caso tenha “pontinhos pretos já está perto da época de desová”. Os pescadores atentam para todos esses detalhes - “entra na lagoa e entra pra fazê geração... qualquer braço de rio que encontra vai pra gerar... vem da boca da Baía...” - que diferem as etapas reprodutivas - “a síria tá gorda a frente da preheca começa a inchá..., os grampos do siri ele coloca nela, aí ela fica de corá e dois ou três mês pra desová” - que são de extrema importância para a dinâmica desses organismos no meio ambiente. “O tinga nasce por desova como caranguejo, quando casa, cada semente dá um siri. Um só dá tanto filho que não tem canoa que carregue... não dá conta”, Medeiros & Oshiro (1990) na Baía de Sepetiba, Rio de Janeiro encontraram fêmeas de *Callinectes danae* com até 2.190.000 ovos.

“A necessidade, do pescador, de conhecer a dinâmica desse espaço, supõe em última instância uma prática de subsistência que serve tanto para aumentar a segurança física num meio perigoso como para administrar os recursos que nele se encontram e que são imprescindíveis para sua alimentação” (Allut, 2000).

CONCLUSÃO

A comunidade maneja a fauna desta região num sistema de subsistência. Os crustáceos são utilizados como uma das principais fontes protéicas e geradoras de renda, a qual permite uma auto-suficiência financeira e nutricional. Em virtude das alterações nos ecossistemas, a dinâmica dos processos ecológicos e comportamentais e o conhecimento empírico da região vê-se ameaçado frente às constantes agressões aos manguezais, conseqüente diminuição da atividade pesqueira e perda da tradição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLUT, A. G.. O Conhecimento dos Especialistas e seu Papel no Desenho de Novas Políticas Pesqueiras. In: DIEGUES, A. C. S.. **Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos**. Ed. Hucitec. NUPAUB. São Paulo, 2000. pp. 101 - 123.
- DIEGUES, A. C. S. & NOGARA, P. J.. **Ecologia Humana e Planejamento Costeiro**. 2a ed. Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas em Áreas úmidas Brasileiras - NUPAUB. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001. pp. 185 - 225.
- MEDEIROS L.M.Y. OSHIRO, 1990. Aspectos reprodutivos de *Callinectes danae* Smith, 1869 (Crustacea, Decapoda, Portunidae) na Baía de Sepetiba-RJ. In: **II Simpósio de Ecossistemas da Costa Sul e Sudeste Brasileira. Estrutura, função e manejo**. ACIESP.
- TEIXEIRA, R.L. & SANTOS, H.S. Abundância de macrocrustáceos decápodos nas áreas rasas do complexo lagunar de Mundaú/Manguaba, AL. **Revista Brasileira de Biologia**, v. 58, n. 3, p. 393-404, 1998.